

ESTUDO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO COMPORTAMENTO VOCACIONAL A PARTIR DA ENTREVISTA BIOGRÁFICA.

*DEVELOPMENT OF VOCATIONAL BEHAVIOR THROUGH THE BIOGRAPHIC
INTERVIEW AND BASED UPON SUPERS VOCATIONAL THEORY*

Antonio Caubi Ribeiro Tupinambá ¹

Resumo

O modelo de entrevista biográfica é utilizado para abordar o desenvolvimento do comportamento vocacional conforme teorizado por Donald Super. Diferentes sistemáticas ajudam na construção de uma biografia. O modelo de entrevista utilizado proporciona determinadas informações que servem para a análise do comportamento vocacional da entrevistada. A nomeada análise foi feita a partir das sete sistemáticas que compõem a entrevista biográfica à luz do paradigma de Donald Super. O método utilizado permitiu a identificação e descrição do desenvolvimento de uma identidade relacionada ao trabalho, na qual a escolha e preparação para uma ocupação estava presente e esperada como uma continuação de fases da vida, isto é, fases de jogos e estudo que antecedem e formam uma interface com a formação profissional. Por meio da experiência acolhida, viu-se que a geração considerada é preparada para a prática de uma experiência profissional como base de sua escolha, ou melhor, de seu destino vocacional, principalmente no sentido de assegurar, em perspectiva, uma independência econômica. Finalmente, as conclusões apontaram para a adequação do recurso da entrevista biográfica para a exploração vocacional.

Palavras-chave: Entrevista biográfica; Comportamento vocacional; Trabalho; Educação.

Abstract

The present work uses the model of biographic interview for studying the development of a vocational behavior from the point of view of Donald Super's theory. The interview has seven different systematics for obtaining the necessary information for an analysis about vocational behavior. The theory of Super is the outgoing point for this analysis. The named analysis was made based upon the seven systematics that compound the biographic interview and based upon Super's paradigm. This method allowed the identification and description of the development of a identity related to work, in which the choice and preparation for a occupation was present as well as expected while a continuation of the life periods, i.e., playing and educational periods, which anticipates and build a interface with the vocational formation. Through this experience we discovered that the considered generation is prepared for its professional experience as a basis for its choice, or rather, its vocational destination, especially to ensure an economic independence in perspective. Finally, the findings pointed to the appropriateness of the use of biographical interviews for vocational exploration.

Keywords: Biographic interview; Vocational behavior; Work; Education.

¹ Professor do Departamento de Psicologia da UFC. Endereço para correspondência: Universidade Federal do Ceará. - Av. da Universidade, 2762, Bairro Benfica, Fortaleza/CE, Brasil. CEP: 60020-180. E-mail: tupinamb@ufc.br.

INTRODUÇÃO

A presente entrevista foi realizada segundo um modelo de entrevista biográfica. Trata-se, portanto, de um estudo psicopedagógico que utiliza o modelo de entrevista sugerido por Niermann (1994) para a construção de histórias pessoais. O roteiro da entrevista é formado por sete sistemáticas complexas que procuram abranger os mais diversos aspectos da vida do entrevistado que, em seu conjunto, passam a constituir um objeto de estudo científico.

Apesar de terem sido aplicadas as sete sistemáticas previstas no modelo, foram apenas consideradas, para o presente trabalho, aquelas sistemáticas que servissem para a análise do desenvolvimento do comportamento vocacional da entrevistada. Dentre as diversas possibilidades de estudo na área vocacional a entrevista biográfica pode ser vista como adequada para a construção de uma história particular do sujeito em questão. Essa história construída é, na maioria das vezes, insubstituível por qualquer outro material obtido com outros métodos diferentes daquele da entrevista biográfica. As análises resultantes podem ser utilizadas na construção do saber sobre o desenvolvimento de vocações e inclusive em procedimentos de orientação vocacional dos sujeitos pesquisados. Ademais, vale a pena a consideração do método da entrevista biográfica nessa perspectiva, tendo em vista que a construção de instrumentos destinados à orientação vocacional tem sido visto como um meio para superar as dificuldades existentes na área.

Desta forma vimos como pertinente a tentativa de relacionar o método da pesquisa biográfica com a compreensão do desenvolvimento do comportamento vocacional. Esta relação ilustra as possibilidades que nomeada entrevista pode oferecer ao processo de orientação uma vez que as modalidades estatísticas (BUHOSLAVSKY,

1987) de orientação vocacional mostram-se cada vez mais como alternativas incapazes de dar conta dos desafios atuais que aprontam o estudo do comportamento vocacional e a própria orientação.

1. AS SETE SISTEMÁTICAS DA ENTREVISTA

O modelo de entrevista utilizado pode, segundo Niermann (1994), ser identificado por suas sistemáticas, que visam a dar conta de todos os períodos e experiências de vida rememoráveis e de possível reconstrução e narração, além de dar margem a um trabalho descrito como pesquisa biográfica.

- Sistemática I: costumes, estrutura da cidade.
- Sistemática II: costumes que acompanham a vida pessoal - curriculum vitae.
- Sistemática III: costumes ao longo do ano todo.
- Sistemática IV: ornamentação na casa e nos seus arredores.
- Sistemática V: atividades domésticas, jogos, troças, canções, ditados, crendices, maneiras de cumprimentar, modos de falar.
- Sistemática VI: a criança
- Sistemática VII: a escola

A entrevistada, o processo de entrevista e a definição da entrevista biográfica serão abordados nos itens seguintes do presente trabalho bem como os princípios básicos das teorias sobre o comportamento vocacional que fundamentarão nossas análises. A partir desta avaliação será construída, a título de conclusão, uma ponte entre esses princípios e os dados da narrativa da entrevistada tendo em vista uma explica-

ção para o desenvolvimento de um comportamento vocacional no caso da Senhora M. (a entrevistada) e de sua geração. Trechos da narrativa construída via entrevista que deram base à análise atual serão apresentados, eventualmente, quando necessário para ilustração e/ou esclarecimento do estudo atual.

2. A ENTREVISTADA

A senhora Maria¹ nascida em 1955 viveu até os oito anos numa fazenda no município de Boa Viagem no estado do Ceará, Brasil, mudando-se em seguida para a sede do município de Quixeramobim a fim de iniciar a escola primária². Por motivos pessoais, o pai precisou se mudar para o estado do Pará. A mãe e as crianças o acompanharam nessa mudança. Maria viveu dois anos naquele estado, isto é, durante o sexto e sétimo anos de idade.

Após a morte de seu pai em consequência de acidente natural no Pará a família retornou a Boa Viagem. A mãe e as duas crianças mudaram-se para a casa de seu pai (pai de mamãe Zu, avó paterna de Maria). Maria ao contrário dos outros membros da família permaneceu vivendo com mamãe Zu (avó paterna de Maria) a partir desta data, por quem foi educada. O irmão mais novo tinha morrido antes de completar um ano, isto é, antes da mudança para o estado do Pará.

Após o primeiro ano do curso científico³ Maria se mudou de Quixeramobim para Fortaleza. Ela tinha então 19 anos. Em Fortaleza ela continuou cursando o

científico e depois concluiu um curso universitário numa universidade cearense. Após sua graduação, assumiu, aos 27 anos de idade, a função de professora numa escola pública.

3. A ENTREVISTA

Goethe: "Pois parece que a missão da biografia é a de apresentar o homem nas suas relações com o tempo e mostrar o quanto tudo lhe é resistente, o quanto lhe favorece, como ele constrói para si, a partir disso, uma visão de mundo e de homem."⁴

(Prefácio de "Dichtung und Wahrheit")

A realização da presente entrevista possibilitou a organização de informações sobre a vida de Maria, que dificilmente poderiam ter sido obtidas em outros processos comumente utilizados na análise e orientação vocacional. A confiabilidade da análise psicométrica e sua validade preditiva têm sido constantemente questionadas nesses procedimentos. Mesmo havendo determinados estudos que lhe atribuem certa confiabilidade (FOGLIATTO e PEREZ, 2003), o seu uso isolado não obtém a mesma credibilidade. O processo de orientação vocacional deve contar com recursos que levem o orientador a assistir o sujeito interessado a resolver com êxito os problemas que enfrenta, conforme afirma Buhoslavsky (1987). Neste sentido podemos, através e a exemplo do rico material aqui disponível sobre a senhora Maria, fazer possível

² Os nomes das pessoas e localidades poderão ser eventualmente alterados para proteção e anonimato da entrevistada e de outras pessoas por ela citadas.

³ Corresponde ao ensino fundamental nos dias de hoje.

⁴ Curso Científico corresponde ao atual 2º Grau.

⁵ Tradução livre do original: "Denn dieses scheint die Hauptaufgabe der Biographie zu sein, den Menschen in seinen Zeitverhältnissen darzustellen, und zu zeigen, inwiefern ihm das Ganze widerstrebt, inwiefern es ihn begünstigt, wie er sich eine Welt- und Menschenansicht daraus gebildet..."

a apreensão de sua história pessoal e mostrar saídas para o entendimento de como se deu o seu desenvolvimento vocacional. Apesar de não ser um objetivo do presente trabalho utilizar o material sobre a senhora Maria na busca de solução para a sua vida profissional e seus conflitos vocacionais, torna-se ilustrativo de como podem ser levantados dados e informações para procedimentos desta natureza à luz de recursos e situações semelhantes. O caso atual pode, portanto, servir de parâmetro para outros estudos teóricos sobre o desenvolvimento do comportamento vocacional em diferentes contextos culturais e ainda para se somar a outros recursos na prática do estudo sobre vocação e da orientação vocacional/profissional.

Durante a realização da entrevista procurou-se colocar as perguntas previstas no formulário de uma forma que o texto obtido correspondesse a uma narrativa com uma devida ordem cronológica. O esquema da sistemática utilizada foi adaptado à cronologia da narrativa da senhora Maria. Primeiramente perguntou-se sobre as experiências da infância, seguido pelos demais itens: as atividades domésticas, os jogos, as maneiras de falar, a casa, a fazenda, a escola, os costumes, os usos, e a estrutura da cidade.

O modelo de entrevista utilizado pode, segundo Niermann (1994), dar margem a um trabalho descrito como pesquisa biográfica. Apesar da entrevista ter servido no presente trabalho para viabilizar uma experiência com um instrumento novo, isto é, para a experimentação de um método de estudo biográfico com fins didáticos, procurou-se durante as conversas com a senhora Maria obter um conteúdo de entrevista que correspondesse à biografia da entrevistada. A entrevistada descreveu suas conversas como lembranças de muitas experiências, que davam um sentido à sua vida nesta existência no interior. Através deste trabalho foi possível obter e organizar uma série

de informações na sua linguagem cotidiana sobre tradições, costumes, maneiras de se comportar e de agir, que marcaram e acompanharam toda a vida da senhora Maria no âmbito da cultura local (Benedic, citado por Niermann, 1994).

Tendo em vista o objetivo original do uso da entrevista ter sido iminentemente didático para o autor, não foi necessária a formulação *ad hoc* de um problema para a pesquisa no sentido que Firth (1986) afirma ser necessário para um estudo desta natureza: quero dizer no sentido de uma comprovação de uma hipótese através de novo reconhecimento, que direciona o entrevistador para um determinado ponto no tempo, para uma bem determinada tematização em vez de ir em direção a uma outra.

Dessa forma deverá ser incluída *a posteriori*, isto é, sem ter feito parte do objetivo original do trabalho de entrevista, uma tematização de teorias do comportamento vocacional. Esta inserção de novos elementos teóricos não previstos inicialmente poderá viabilizar uma hipotetização sobre a construção de uma vocação e uma análise teórica em especial com relação à problemática da escolha vocacional considerada no presente trabalho. Um objetivo novo construído a partir do conteúdo obtido com a entrevista será o de abordar aspectos do comportamento da entrevistada, que não estavam originalmente previstos no trabalho original, a dizer, *o desenvolvimento de um comportamento vocacional no caso da senhora Maria, bem como no caso da geração mais jovem à qual pertencia*.

Tendo em vista o caráter iminentemente didático dos objetivos originais do procedimento de entrevista, justificam-se os limites de seu alcance quanto aos novos objetivos propostos, não invalidando, entretanto, sua força ilustrativa para o atual modelo. Apesar de dificultar consequentemente um trabalho metodológico exaustivo com o material colhido, favorece a ideia de se utilizar a entrevista biográfica, conforme

sistematizada por Niermann (1994), como recurso para a exploração vocacional e profissional. Essa tentativa se constitui como um recurso novo, não havendo, segundo pesquisa realizada até o momento, antecedentes similares considerando-se simultaneamente o âmbito de estudos vocacionais e o modelo atual de entrevista biográfica, assegurando o caráter de originalidade da proposta.

No presente trabalho será realizada, por um lado, uma análise do conteúdo descrito pela entrevistada sobre seu caminho profissional a partir de suas narrações e, por outro, uma análise do encaminhamento para a vida profissional da geração mais jovem a qual pertencera a senhora Maria, a partir de pontes construídas com essas narrações.

Para esse fim são utilizados os postulados da teoria psicológica sobre o comportamento vocacional (*psychology of vocational behavior*). Postulados estes que podem, em princípio, explicar o desenvolvimento deste comportamento ao longo da vida dos indivíduos.

A meta do presente trabalho não é, portanto, a de apresentar todas as teorias que se ocupam do desenvolvimento da escolha vocacional (*vocational choice*). Objetiva-se essencialmente considerar determinadas concepções desta dinâmica vocacional e relacioná-las com a entrevista realizada com a senhora Maria. Como já foi esclarecido anteriormente deve ser frisado que a entrevista já havia sido planejada e realizada antes da pretendida análise vocacional. Apesar de partir-se do pressuposto que em princípio, instrumentos com este teor podem embasar ou complementar estudos e trabalhos vocacionais. No entanto, as informações obtidas com o atual instrumento oferecem uma via metodológica limitada,

pelos metas didáticas que antecederam o seu uso. Levando-se em conta esses limites seria pretensioso tentar a realização de um estudo completo do seu conteúdo em relação a teorias psicológicas já existentes. A compreensão do conteúdo da entrevista a partir dos postulados psicológicos aqui considerados pode servir como um exemplo entre muitos possíveis modelos de trabalhos teóricos desta natureza e levar a sugestões para sua aplicação prática no âmbito da orientação vocacional/profissional.

4. A ENTREVISTA BIOGRÁFICA COMO INSTRUMENTO PARA A HISTÓRIA DE VIDA: UM OBJETO DE TRABALHO CIENTÍFICO.

Estudos de caso são como janelas através das quais pode-se olhar na sala de estranhos - que quando abertas - pode-se apreender o cotidiano com todos os sentidos...⁵
(Hans Brügelmann)

A exploração nas ciências sociais de uma entrevista biográfica pode economizar o trabalho com pesquisas de campo e até mesmo substituí-lo parcialmente para a coleta de dados. O trabalho com dados biográficos acontece como no caso da utilização de documentos pela pesquisa nas ciências sociais, quando o próprio pesquisador necessita de observações que se tornam, por diferentes razões, inacessíveis.

Semelhante ao que acontece na mediação via documentos⁶ será feita aqui a reconstrução de tempos passados, a pesquisa de comportamentos que não permite o controle direto ou o efeito de diferentes instituições, nas quais o entrevistado participou.

⁵ Traduzido livremente do original em alemão: *Fallstudien sind wie Fenster, durch die man in fremde Wohnzimmer hineinschauen kann und - wenn man sie öffnet - Alltagsleben mit allen Sinnen miterleben kann...*

⁶ Entenda-se por documentos que são utilizados nas ciências sociais também as autobiografias e memórias, diários, cartas, palestras, etc. Esta definição é utilizada pelo *Bureau of Applied Social Research - USA*.

Uma entrevista realizada para uma pesquisa biográfica está cheia de estruturas de narrativas, que permitem um olhar preciso no conceito do mundo dos entrevistados (Heize e Klusemann, 1979). O autor afirma que para obter mais informações vívidas e experiências biográficas dos entrevistados é necessário acrescentar ao modelo tradicional e estéril de entrevistas elementos narrativos.

É possível ser traçada uma trajetória explicativa desta apropriação do método biográfico pelas ciências sociais, através da análise de pesquisas biográficas que se ocupam de pessoas com um papel social de relevância e por conta de determinado interesse histórico. Neste âmbito pode-se delinear o seu surgimento e os limites e o destino de sua utilização enquanto caminho para a construção de estudos sociais. Muitos desses recursos se baseiam em métodos histórico-sistemáticos. Mas enquanto meio para a obtenção de dados e construção de conhecimento aceito no meio acadêmico pode-se afirmar que as pesquisas sobre a história de vida do cotidiano só se tornaram populares em tempos mais recentes (Niermann, 1994). A apropriação destas pesquisas e sua articulação com elementos que contribuem com a construção de novas teorias ou comprovação de teorias já existentes é ainda um exercício que vislumbra ocupar um lugar e ter aceitação dentro da pesquisa social. O uso indiscriminado de pesquisas desta natureza com objetivos principalmente mais populares e não científicos torna difícil a sua imposição enquanto recurso válido no meio acadêmico.

Ao contrário dos questionamentos e das pesquisas mais utilizadas, que se concentram apenas em um objeto específico limitando o seu alcance, as entrevistas ditas biográficas devem considerar todos os setores da realidade e da fantasia que possam ser pensados, como acontece na vida real daqueles envolvidos.

Para a realização do presente estudo houve a preocupação em desenvolver um relacionamento interpessoal conforme se descreve como um bom *rapport*. Sabe-se que este procedimento pode ser decisivo para a realização adequada do trabalho de entrevista. Queremos dizer com isso que a explicação e esclarecimento de dúvidas correspondentes antecederam os encontros com o objetivo mesmo de realização da entrevista. Viabilizada a negociação para a realização do trabalho, quase todos os domingos durante o semestre de verão de 1994, a senhora Maria foi visitada a fim de participar de uma conversa seguindo um roteiro de entrevista pré-estabelecido. Este roteiro previa um procedimento interpretativo. A partir do roteiro de entrevista, o entrevistador pode tomar os tópicos em forma de temas para as perguntas que deveriam ser elaboradas, permitindo à entrevistada uma espécie de narrativa da sua história de vida. Todas as conversas foram gravadas mecanicamente com autorização expressa da entrevistada e posteriormente transcritas. Das transcrições foram consideradas as informações que pudessem fundamentar o presente estudo, sem, contudo, comprometer o anonimato da entrevistada e daqueles por ela citados em sua narrativa.

Através da entrevista a história de vida da senhora Maria foi resumida. Este material pode ser pesquisado e transformado num conceito seguindo-se uma determinada metodologia. Heinze e Klusemann (1979) sugerem que o conteúdo da entrevista pode ser atualizado com relação aos dados que refletem a subjetividade do seu autor. As condições objetivas de vida dos entrevistados não são aqui considerados na interpretação. Heinze e Kluseman (1979, p. 186) sugerem ainda a interpretabilidade do material:

Protocolos de conversas sobre experiências de vida pessoais apresentam momentos da biografia

dos entrevistados. Para as nossas interpretações é importante a reconstrução da imagem que a pessoa em questão tem sobre si mesma em mente. A nossa pergunta que dirige a interpretação é a seguinte: como os entrevistados se compreendem, como eles se vêem em relação a suas famílias, em relação a seus amigos ou em relação ao resto do ambiente?

As expressões cotidianas dos entrevistados não serão diretamente confrontadas com teorias das ciências sociais, porque elas carecem de interpretação:

No caso de nossa interpretação de protocolos de entrevistas faz-se necessário que dois procedimentos interpretativos sejam separados em contraposição. Um procedimento interpretativo se baseia em teorias, que são desenvolvidas de forma indutiva através de reutilização do que foi dito nas entrevistas sobre a própria biografia e sobre as condições sociais dos entrevistados. Um outro procedimento interpretativo utiliza-se, ao contrário disso, de teorias científicas elaboradas que são trazidas igualmente para o protocolo. Nós partimos do pressuposto que não podem ser procedidas análises de texto sem considerar teorias e categorias. (Heinze e Klusemann, 1979, p. 194).

Três passos de um procedimento metodológico para a interpretação do conteúdo de entrevistas foram sugeridos por Heinze e Klusemann (1979):

1. Primeiramente toma-se o papel do entrevistado, que acontece em torno da reconstrução de suas teorias cotidianas direcionadas a ações e suas definições de situações.
2. Em segundo lugar busca-se uma conclusão sobre a hierarquia de significados de suas experiências e conceitos a partir da estrutura narrativa do entrevistado. Por exemplo, tentar encontrar respostas para perguntas como: O que conta no nosso caso para o entrevistado. O que é importante para a senhora Maria exatamente? O que vem para ela em primeiro lugar?
3. Um terceiro e último passo pode ser descrito como a identificação de um discurso central: Este discurso central é a quintessência e ponto de referência diretor da ação das teorias cotidianas e definições das situações da entrevistada.

Niermann (1994) compreende, contudo, que a avaliação do material narrativo de entrevistas é bastante complicada, uma vez que a capacidade de expressão verbal da pessoa entrevistada encontra-se, vendo-se numa perspectiva do pensamento científico, clara e sistematicamente em enorme contradição com o material mediado. “De um lado determinados conteúdos complexos são apenas mencionados ou, pode ser, tratados com longas falas - intercaladas por muitas observações. Frequentemente frases unitárias terminam abruptamente, sem que do elemento central da *narrativa* possam ser obtidos dados para o depoimento almejado” (p. 26).

Faz-se necessário lembrar o seguinte aspecto no modo de registro do conteúdo da entrevista: Uma vez que a linguagem sempre tem conteúdo e pode ser decifrada e que, além disso, é decisivo que a intenção de comunicação da pessoa entrevistada deve ser percebida, os erros comuns de linguagem das entrevistas no caso de estudos biográficos não devem ser corrigidos, pois do contrário isso le-

varia a mudanças no cerne do depoimento intrínseco expresso pelo entrevistado. (Niermann, 1994)

Para o exame do cerne da entrevista nomeado autor sugere critérios metodológicos, que podem ser definidos da seguinte forma: critérios de natureza metodológica, de conteúdo bem como de método-conteúdo simultaneamente. Aqui se questiona especialmente se o material biográfico pode ser reproduzido num *curriculum vitae* e se é possível apresentar o material da entrevista cientificamente bem como interpretá-lo. Também é importante saber, se a partir das informações obtidas é possível se elaborar uma outra sistemática, utilizando-se da apresentação assistemática da pessoa entrevistada sem contudo corromper a sua originalidade: – a pessoa poderá ser compreendida bem como suas características ou seu modo de ser, através de um conceito de sua vida (*curriculum vitae*)?

5. A TEORIA DE SUPER SOBRE O COMPORTAMENTO VOCACIONAL

A tentativa de uma caracterização do comportamento profissional (vocacional) não significa uma tentativa de se criar uma entidade independente, senão uma categoria comportamental, que se diferencia de outras categorias comportamentais, facilitando assim sua análise.

A expressão *comportamento vocacional* tem um amplo espectro: pode significar tanto os primeiros pressupostos no processo da escolha profissional quanto as condições de realização e adaptação posteriores.

A terminologia psicológica neste campo utilizada no presente trabalho foi tomada da teoria de Super (1970) e de outros autores no campo da escolha vocacional como, por exemplo, Super e Bohn (1970), Holland (1966), Roe (1956) etc. Acolhemos

para esse trabalho as contribuições desses autores por serem aquelas originais e as que deram fundamento a obras posteriores nessa área. Para os objetivos de articulação entre teorias do comportamento vocacional e o uso da entrevista biográfica, a abordagem dessas teorias originais pareceram-nos suficiente. Um tratamento exaustivo do assunto não é, contudo, objetivo do atual trabalho. Para tanto é sugerido aos leitores mais preocupados em conhecer o desenvolvimento de estudos vocacionais uma leitura dos textos aqui mencionados em sua íntegra. Limitamo-nos, para os fins presentes de abordagem teórica do material colhido, à consideração dessas teorias clássicas citadas, uma vez ser um recorte tradicional dos estudos do desenvolvimento vocacional e se adequar à realidade local, ao momento e ao sujeito que compõem o estudo. Para a aplicação do método na prática da orientação vocacional, considere-se, no entanto, útil, a consideração de material teórico mais atual, tendo em vista objetivos práticos que se diferenciam dos objetivos de exploração dessa relação entre a teoria vocacional e a entrevista biográfica especificamente.

A sociedade toma formas cada vez mais complexas de funcionamento, o que é automaticamente projetado no campo das profissões e ocupações. Cientistas de diferentes áreas ocupam-se com o processo da escolha vocacional. Há diferentes estudos que procuram explicar este processo a partir de diferentes perspectivas, a saber, sociológica, psicológica e econômica. Dependendo da perspectiva considerada são definidos determinantes da escolha vocacional respectivamente de natureza social, psicológica ou econômica. Pode-se ainda falar numa quarta via quando se tenta explicar estes determinantes com princípios das três naturezas, interativamente.

Miller e Form apontaram ainda no ano de 1951 a força da estrutura social como determinante para esta escolha: a causali-

dade, ou o acaso são, neste caso, decisivos na determinação da maioria das escolhas. Este acaso compreende, por exemplo, o nascimento. Por outro lado uma pessoa pode escolher uma profissão em função de diversas possibilidades que são influenciadas pelo seu meio ou classe social. Na sua análise sobre a relação entre o desenvolvimento vocacional e suas influências familiares, Miller e Form (1951) acreditam que a criança *herda* um nível ocupacional dos pais e procura para si uma profissão entre um número relativamente restrito de possibilidades que sejam aceitáveis para a sua sociedade. Apesar da complexidade desse desenvolvimento no mundo hodierno, ainda se atribui grande peso familiar no desenvolvimento vocacional, principalmente no que tange a suas primeiras influências (Tupinambá e Oliveira, 2006).

Holland (1966, 1973) desenvolveu uma teoria da escolha vocacional que relaciona as orientações pessoais com ambientes ocupacionais. Simplificando as suas ideias podemos afirmar que para cada orientação, existe um ambiente e um grupo de ocupações correspondentes que lhe são mais adequados: na orientação denominada de *social*, por exemplo, trata-se de uma pessoa afeita a tarefas que demandam o uso de habilidades interpessoais e o interesse por outras pessoas. O ambiente adequado correspondente exige destas pessoas a interpretação e modificação do comportamento humano. Profissões tais como o serviço social, o aconselhamento, o trabalho com organização de pessoas, etc., são propostas neste caso. Nessa perspectiva pode-se pensar em diferentes grupos ocupacionais para quantos ambientes sejam passíveis de identificação. (Nardi, 2006).

Roe (1956) propôs uma teoria de desenvolvimento vocacional segundo a qual a escolha da profissão reflete tendências pessoais básicas que se originam na maneira como o indivíduo foi educado no meio familiar. A autora hipotetiza as correspon-

dências entre experiências educacionais no seio familiar, determinadas orientações que são desenvolvidas nos filhos e a escolha profissional:

(...) pais que são muito atenciosos - no sentido de serem ou muito carinhosos e/ou superprotetores, ou altamente exigentes - tendem a desenvolver nos filhos uma 'orientação para as pessoas', que os filhos, depois, tentam expressar através da escolha de profissões de área de prestação de serviços, em alguns setores dos negócios, nas diversões e nas artes. Pais menos atenciosos, que são descuidados, rejeitados ou negligentes com seus filhos, tendem a desenvolver nestes uma 'orientação para não-pessoas' que deve levar a profissões tais como ciência, engenharia ou profissões que exigem trabalho isolado fora de casa, por exemplo, engenharia florestal. (Roe, citado por Shein, 1982, p. 62)

Por seu turno, a força econômica é para Pimenta (1981) o que determina a escolha. Determinantes econômicos explicarão as chances e os motivos de se escolher uma profissão em detrimento de outra. Tendo como ponto de partida esta perspectiva para a análise do comportamento vocacional a partir da narrativa oriunda da entrevista biográfica deve-se apoiar, principalmente, em aspectos não-subjetivos do conteúdo da narrativa, tendo em vista a possibilidade de se fazer um levantamento de dados contextuais e estruturais que revelem seus correspondentes socioeconômicos. Ao contrário disso Heinze e Klusemann (1979) sugerem um apego às representações subjetivas mesmo daqueles aspectos estruturais e sociais analisáveis numa perspectiva factual.

Estudos sobre escolha ocupacional podem se limitar em consequência da na-

tureza de seus próprios objetivos. Problemas desenvolvimentais que surgem antes, durante e depois da escolha ocupacional são geralmente esquecidos por estes estudos, segundo Schein (1982). Buscando superar estas limitações das teorias até então existentes, Super (1970) já havia introduzido uma abordagem desenvolvimental às teorias da escolha vocacional, que ainda é considerada como princípio a ser considerado nos procedimentos de orientação vocacional nos dias de hoje. A teoria da escolha vocacional de Super (1970) foi definida como uma teoria do *desenvolvimento da escolha vocacional*. O mérito de seu método é estar condicionado ao desenvolvimento, que descreve a escolha vocacional como um processo que toma lugar ao longo da vida do indivíduo. Seu mérito está exatamente em apontar um caráter sequencial do comportamento vocacional. Esta teoria permite a descrição do processo do desenvolvimento individual no nível vocacional. A explicação puramente determinística da escolha vocacional é substituída aqui por uma escolha processual. Esta perspectiva influenciou métodos que buscam uma visão global do orientando, evitando uma setorização do comportamento e do desenvolvimento vocacional.

Numa perspectiva desenvolvimental desta natureza os problemas da escolha vocacional são vistos como problemas a longo prazo. Uma série de tarefas será necessária para a solução deste problema. Super (1970) analisou as tarefas desenvolvimentais que seguem e sua forma de comportamento correspondente: a consciência da necessidade da realização de uma determinada tarefa; a busca de informações; a diferenciação de interesses e valores e o reconhecimento dos meios disponíveis. Para Super (1970) uma teoria da escolha vocacional tem de levar em conta os seguintes aspectos: diferenças individuais, multipotencial ocupacional, habilidades ocupacionais, identificação com o papel de modelos, continuidade de uma adaptação, estádios

de vida (os estágios de crescimento), tipos de carreira, as possibilidades de guiar o desenvolvimento individual, desenvolvimento de interação entre o indivíduo e o meio, dinâmica das profissões, satisfação no trabalho e o trabalho como um *modus vivendi*.

Assim como na psicologia da educação, os estudos sobre as diferenças individuais têm também um papel relevante na psicologia vocacional. Em especial a adaptação vocacional pode ser explicada através dos conhecimentos das diferenças individuais.

Super (1970) considera para a sua teoria o conceito de *multipotencialidade* com o objetivo de mostrar que o indivíduo é qualificado, com base no seu caráter, para diversas ocupações: cada uma destas ocupações exige um padrão de capacidade, de interesse e de traços de personalidade que seja suficientemente maleável para permitir um grande número de possibilidades em ocupações para um indivíduo e, por outro lado, uma determinada ocupação para diferentes indivíduos.

Especialmente entre os autores de orientação psicanalítica a identificação é tida como de crucial importância para o desenvolvimento pessoal. O autor se baseia em Freud e em Haggard para explicar o conceito de identificação em relação aos interesses vocacionais.

Para Super (1970) o desenvolvimento pode ser conduzido: apesar das muitas constatações de que as capacidades são parcialmente herdadas, as capacidades manifestas e a personalidade são resultantes da interação entre meio e organismo. O desenvolvimento vocacional pode ser definido de forma resumida como o desenvolvimento do autoconceito. O processo da adaptação profissional é a complementação deste autoconceito: o grau de satisfação atingida é proporcional ao grau no qual o autoconceito vem a ser complementado. Os indivíduos se diferenciam quanto às suas

capacidades, interesses e traços de personalidade. Como resultado destas características os indivíduos são qualificados para um determinado número de ocupações.

A escolha e a adaptação são um processo contínuo, porque as preferências e as competências vocacionais bem como as situações nas quais os indivíduos se encontram e trabalham e, por conseguinte seu autoconceito muda com o tempo e o acúmulo de experiências. O desenvolvimento por meio de diferentes estratégias existenciais pode ser influenciado parte através do processo de maturação, das capacidades e interesses, e parte pela capacidade de avaliação da realidade e desenvolvimento do autoconceito. O processo de desenvolvimento vocacional é, portanto, basicamente o processo de desenvolvimento e implementação do autoconceito. O comprometimento entre o indivíduo e o meio e entre o autoconceito e a realidade é um processo de realização de um papel profissional: isso pode acontecer em um nível de fantasia, na escola, numa ocupação provisória, através da entrada numa profissão etc. A satisfação na vida profissional bem como em outros setores da vida também dependem de que o indivíduo encontre uma possibilidade de aplicar suas capacidades, preencher seus interesses e encontrar espaço para a realização de seus traços de personalidade.

O desenvolvimento de uma carreira é compreendido como um processo de síntese do autoconceito com a realidade do ambiente externo (Super e Bohn, 1970). Segundo Schein (1982, p. 85), há um motivo subjacente e básico na gênese desse processo, que seria a implementação do autoconceito:

Nas suas ocupações as pessoas elaboram o autoconceito ao longo de seis fases principais das suas vidas:

1. Exploração: desenvolvimento do autoconceito na infância e na adolescência.
2. Teste da realidade: transição da escola para o trabalho e experiências iniciais no trabalho.
3. Tentativa e experimentação: tentativas de implementar o autoconceito através da escolha de uma carreira.
4. Estabelecimento: implementação e modificação do autoconceito nos anos intermediários de profissão.
5. Manutenção: preservação e continuidade para implementar o autoconceito.
6. Declínio: ajustamentos novos do autoconceito após o encerramento da carreira profissional.

Uma das principais implicações da teoria desenvolvimental conforme sugerida por Super (1973) e Super e Bohn (1970) é que o processo de escolha vocacional do indivíduo encontra um conjunto inicial de objetivos e de restrições no seu padrão de necessidades, motivos e valores trazidos desde a infância e adolescência. O indivíduo está constantemente num processo dinâmico no qual são integradas as forças e os impulsos internos com as oportunidades e as restrições externas. O autoconceito é dinâmico e implementado a partir destas novas experiências resultando em sua modificação e evolução (Schein, 1982).

Inicialmente, Super e seus colaboradores conceberam a carreira como um processo linear de desenvolvimento a partir dos ciclos vitais. Contudo, sua teoria foi criticada por não considerar as influências contextuais e as possíveis instabilidades evolutivas do indivíduo diante de adversidades e imprevisibilidades do ambiente. Nas décadas de 1980 e 1990, Super introduz o conceito dos miniciclos (períodos de transição ou mudança) como estágios complementares. (Alencar, 2012, p. 20).

Miniciclos ocorrem nos períodos de transição ou toda vez que a carreira se desestabiliza por motivos diversos, represen-

tando as instabilidades da carreira e as formas como os sujeitos restabelecem seu curso de continuidade. (Lassance, Paradiso e Silva, 2011).

CONCLUSÕES

Although antiquity maintained that knowledge is concerned only with universals, it was also known that the individual being of a thing is not foreign to the understanding.
(Antonio Rosmini, 1797-1855)

Anos depois do desenvolvimento da teoria vocacional de Super (1953, 1963, 1970) a economia das nações mudou drasticamente (Cano, 1994). O percurso entre a fazenda e a cidade ficou mais curto e mais rápido. As profissões se reestruturaram (Leite, 1994), encontrando-se no mercado de trabalho das metrópoles apenas alguns nichos para ocupações alternativas de então, como por exemplo, muitas ainda descritas pela senhora Maria, sujeito do nosso atual estudo. “As organizações mudaram e novas profissões surgiram. A adaptabilidade e a flexibilidade que as empresas precisaram desenvolver para sobreviverem aos mercados cada vez mais interativos e competitivos, tornam-se incompatíveis às estruturas de carreiras previsíveis, estáveis e lineares”. (Alencar, 2012, p. 10)

As inovações nas explicações sobre o comportamento vocacional não são encontradas nos grandes sistemas teóricos da ciência psicológica, não sendo tampouco um tema central destes sistemas. Alguns princípios permanecem atualizados na explicação do desenvolvimento vocacional por terem provado o seu caráter universal e dinâmico como no caso da teoria de Super.

Vale a pena buscar traçar um roteiro de desenvolvimento. Apesar de não se observar mais os mesmos princípios de uma época em que estilo de vida e profissões pouco mudavam de geração a geração, poucos eram os que se aventuravam a inovar o roteiro do futuro pré-definido em família e, portanto de pouca utilidade prática seriam estudos de natureza vocacional e profissional em tal contexto e realidade (Law, 1987; Andriola, 1994).

No caso específico da narrativa da senhora Maria, compreende-se um caminho seguido por si e por sua geração rumo ao seu desenvolvimento vocacional cujas metas profissionais foram escolhidas e previstas por suas famílias. Apesar de meninos e meninas serem igualmente mandados à escola, o comportamento vocacional submete-se às diferenças e papéis sexuais:

No tempo do meu avô as esperanças que acompanhavam uma criança depois do seu nascimento variava de família a família. Na família da minha mãe (mãe Zu) esperava-se que os meninos fossem para a escola mas as meninas não. Na sua família três filhos estudaram direito e as meninas só cursaram a escola básica, só para aprender o necessário, o básico: ler e escrever, etc. Na família do meu avô paterno (pai José) ao contrário as meninas deveriam ir para a escola e os meninos deveriam simplesmente trabalhar na agricultura, aprender só o mínimo: ler e escrever. Ele enviou as meninas para um colégio interno no Juazeiro. Veja que estas opiniões já eram tão diferentes entre os irmãos. Pai José diria sempre: prá que os meninos estudarem? Para o trabalho eles precisam somente saber ler e escrever. (fonte: entrevista)

O fator econômico deve ser considerado como elemento complementar na explicação do desenvolvimento do comportamento vocacional desta população (Pimenta, 1981). Trata-se do peso do significado econômico do futuro pessoal. (Ribeiro e Melo e Silva, 2011). A senhora Maria menciona constantemente o número limitado de opções profissionais no extrato econômico e cultural mais baixo da sociedade de que faz parte. Conforme sua narrativa vê-se que o sexo é um fator determinante na definição da escolha. Capacidades, interesses, traços de personalidade só são em casos excepcionais vistos como fatores influenciadores do desenvolvimento vocacional de sua geração. A necessidade de expressar a orientação e os valores básicos pessoais através da profissão (Schein, 1982) é, portanto negada neste procedimento local.

No caso de crianças portadoras de deficiências físicas ou mentais as chances mínimas de desenvolvimento vocacional, as mínimas perspectivas profissionais futuras em todas as áreas, são já no momento atual de suas vidas de fácil previsão, praticamente determinadas antecipadamente (Miller e Form, 1951).

“Ao se propor uma reflexão acerca do trabalho das pessoas com deficiência é fundamental a compreensão de sua relação com questões sociais e de poder que permeiam esse tópico. Nesse sentido, destaca-se o preconceito como um fator historicamente construído e caracterizado pelo desconhecimento de uma realidade, tendo como consequência uma atitude desfavorável em relação a algo ou alguém, gerando uma diferenciação social e a convenção de estereótipos e estigmas. (Amaral, 1995; Fischer, 1996). O estigma se refere à [...] situação do indivíduo que está inabilitado para a Goffman, 1988, p. 4). O autor destaca que a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias.

Essas concepções transformam-se em expectativas normativas e em exigências apresentadas de modo rigoroso”. (Oliveira, 2013).

A ideia de inserção, equivalência de direitos ou humanização no tratamento de pessoas desses grupos podem, segundo o relato da senhora Maria, serem esquecidos. A dependência e desprofissionalização as acompanharam e definiram a priori suas vidas e seus destinos:

Antigamente no interior não tinha tratamento para estes problemas. A criança deficiente ficava aos cuidados de uma babá e era rejeitada pela família e pela sociedade como um todo. Às vezes elas viviam completamente isoladas. Não se conhecia tratamentos especializados. A criança ficava muitas vezes agressiva, se fosse dada uma festa em casa esta criança não participava. Não se comemorava o seu aniversário. Não era vista como as outras crianças normais. Ela tinha um quarto próprio em casa, não mantinha contato normal diário com os outros irmãos. (fonte: entrevista)

Nas condições atuais no contexto social apresentado pela senhora Maria é observado um desenvolvimento em etapas do comportamento vocacional. Uma identificação com profissionais ou adultos que desenvolvem alguma ocupação dentro e fora da família leva ao desenvolvimento de conceitos ocupacionais, o que Super (1970) define como aquisição de um conceito para si: um conceito que passa a fazer parte do indivíduo. Hábitos adquiridos e que contribuem para lidar com a organização do tempo e o investimento de energia no trabalho, como por exemplo, deveres de casa trazidos da escola, tarefas escolares etc. levam a uma adaptação entre jogo e trabalho: a

ideia disseminada é a de que o trabalho deve preceder os jogos caso este seja adequado à criança ou adolescente. O desenvolvimento de uma identidade relacionada ao trabalho, na qual a escolha e preparação para uma ocupação estejam presentes é esperado como uma continuação desta fase de vida, isto é, fase dos jogos que antecede e forma uma interface com a formação profissional. A geração aqui considerada é preparada para a prática de uma experiência profissional como base de sua escolha, ou melhor, de seu destino vocacional, principalmente no sentido de assegurar em perspectiva uma independência econômica.

O desenvolvimento de um autoconceito através da identificação com os diferentes grupos de convivência (na família, na escola, na rua etc.), com a ajuda de fantasias que fazem parte do cotidiano social e individual é condição do tornar-se adulto. Capacidades e interesses desempenham papel importante somente com a crescente participação em diversos setores da sociedade que vai se delineando conforme determinação familiar, bem como através da avaliação do nível da própria responsabilidade no âmbito desta participação. Já neste momento começa, precocemente para muitos desta geração, a vida profissional. As fases de elaboração do autoconceito (Super e Bohn, 1970) são antecipadas no caso de profissões não acadêmicas. Neste caso são geralmente atribuídas aos meninos aquelas ocupações relacionadas ao sustento da família e às meninas aquelas de conservação e funcionamento da casa. As fases de exploração, teste de realidade, tentativa e experimentação e estabelecimento para implementação de um autoconceito bem como um autoconceito ocupacional são mais prolongadas e flexíveis para determinados extratos sociais economicamente com mais privilégios e específica e respectivamente para grupos do sexo masculino ou feminino. É esperado que entre pessoas de extratos sociais mais favorecidos economicamente, um menino passe por todas estas

fases podendo chegar ao estabelecimento da profissão e correspondente autoconceito na sua vida adulta, enquanto no grupo de sexo feminino do mesmo extrato social este estabelecimento é antecipado.

Os interesses, que se expressam em preferências são a base para o novo esforço profissional ou seja, para as aspirações acerca do futuro profissional. Neste momento são formadas novas atividades. As capacidades diferenciadas possibilitam a preparação para a profissão futura.

A tentativa de fazer uma escolha cresce das necessidades, interesses, capacidades, valores, oportunidades etc. A realidade torna-se um ponto decisivo porque vai sendo cobrado cada vez mais um comportamento profissional. Essa tentativa encontra na prática de algum trabalho o seu sucesso potencial.

A senhora Maria caracteriza o contexto socioeconômico como pouco complicado quando comparado com sociedades atuais, onde o rápido advento das mudanças nos sistemas de produção exige uma relação, inclusive profissional, com o encaminhamento profissional de seus membros. É difícil se imaginar que haja nas sociedades industriais e tecnológicas de hoje a possibilidade de se deixar inteiramente ao acaso (Klausnitzer, 1985), ou mesmo enquanto definição externa alheia ao desenvolvimento de um autoconceito a escolha da profissão e os rumos profissionais. Tais processos devem ser bem fundamentados, utilizando-se de recursos que promovam resultados de orientação fidedignos quanto a sua eficiência processual e eficácia, em longo prazo, na vida dos orientandos. A entrevista biográfica pode fazer parte do elenco de recursos neste contexto.

Certamente mesmo numa sociedade de estrutura socioeconômica mais previsível e menos complexa como a que pertenceu a senhora Maria aqui abordada, a ocupação de seus membros e o trabalho diário

que satisfaz as necessidades econômicas básicas são aspectos centrais do autoconceito do indivíduo e uma fonte de frustração ou de nível diferenciado de autoestima (Schein, 1982). Muitos dos conflitos e frustrações posteriores conforme relatados pela senhora Maria têm suas origens na impossibilidade de então definir o seu papel profissional. A senhora Maria atribui a menor importância ao papel profissional no presente ao fato de não ter tido oportunidade de desenvolver uma identidade ou autoconceito profissional (Schein, 1982) equivalentes aos dos seus pares que ainda hoje são por ela vistos como realizados, uma vez terem tido a chance de desenvolver esta identidade e este autoconceito, bem como de posteriormente implementá-los:

As crianças ajudavam no trabalho doméstico ou não dependendo do que a família pretendia para ela. Se os pais almejavam que elas chegassem à universidade eles deixavam-nas só no estudo. Se eles planejavam que elas mais tarde fossem trabalhar na fazenda eles já começavam desde cedo com esse trabalho. Se as crianças por conta própria não quisessem ir pra escola então os pais obrigavam-nas a trabalhar com eles na fazenda. Ou o menino se dedicava à escola ou então ele tinha que ir pra roça. Mais tarde eles se casariam e tomariam conta sozinhos da fazenda. Eles tinham que entender muitas coisas da fazenda. Apesar de terem muitos ajudantes eles tinham que saber administrar. (fonte: entrevista).

A expectativa social e psicológica atual de que “nenhum grupo social pode se arrojar o direito de impedir um de seus membros de atingir o máximo do seu potencial latente tendo em vista que o direito à realização pessoal é muito próprio do homem,

independente das diferenças individuais” (Silva, 2003, p. 382) descreve a falta percebida pela senhora Maria na sua trajetória de vida, bem como na construção e implementação de sua identidade profissional.

REFERÊNCIAS

- Alencar, O. L. G. de. (2012). Um estudo sobre o comprometimento vocacional na construção das trajetórias de carreira de gestores e docentes do Ensino Superior. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Amaral, L. (1995). Conhecendo a deficiência. São Paulo: Robe.
- Andriola, W. B. (1993/94). A orientação vocacional no Brasil, Argentina e Portugal. *Revista de Psicologia*. Fortaleza, v. 11 (1/2), v. 12 (1/2).
- Baacke, D. (1979). Ausschnitt und Ganzes: Theoretische und methodologische Probleme bei der Erschließung von Geschichten. In: D. Baacke; T. Schulze. (Hrsg.). *Aus Geschichten Lernen*. München: Juventa Verla.
- Buhoslavsky, R. (1987). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Cano, W. (1994). Industrialização, crise, ajuste e reestruturação: algumas questões sobre o emprego e suas repercussões sobre a distribuição de renda. In: C. A. Oliveira, et al. (Org.). *O mundo do trabalho: crise e mudança no final do século*. São Paulo: Página Aberta, p. 589-604.
- Fischer, G. N. (1996). *Os conceitos fundamentais da psicologia social*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Fogliatto, H.; Pérez, E. (2003). *Sistema de orientación vocacional informatizado*, SOVI 3. Manual. Buenos Aires: Paidós.

- Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. São Paulo: LTC.
- Heinze, T; Klusemann, H. W. (1979). Ein biographisches Interview als Zugang zu einer Bildungsgeschichte. In: D. Baacke; T. Schulze (Hrsg.). *Aus Geschichten lernen*. München: Juventa Verlag.
- Holland, J. L. (1966). *The psychology of vocational choice*. Waltham, Mass: Balisdell.
- _____, J. L. (1973). *Making vocational choices: a theory of careers*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall.
- Lassance, M. C. P.; Paradiso, A. C.; Silva, C. B. (2011). Terceira demanda-chave para a orientação profissional: como ajudar o indivíduo a desenvolver a sua carreira? Enfoque Desenvolvimentista e Evolutivo. In: M. A. Ribeiro; L. L. Melo-Silva, (Org.) *Compêndio de orientação profissional e de carreira*, (vol. 1). São Paulo: Vetor.
- Law, B. (1987). A evolução da orientação vocacional: o exemplo da Inglaterra. *Jornal de Psicologia*, 6 (2), p. 21-23.
- Leite, M. de P. (1994). Reestruturação produtiva, novas tecnologias e novas formas de gestão da mão-de-obra. In: C. A. Oliveira, et al. (Org.). *O mundo do trabalho: crise e mudança no final do século*. São Paulo: Página Aberta, p. 563-587.
- Miller, D. C.; Form, W. H. (1951). *Industrial sociology*. N. Y.: Harper.
- Niermann, J. (1994). *Kulturintegrativer und Kulturindividueller Lebenslauf einer Döbrudschadeutschen*. Köln: Universität zu Köln.
- Maccoby, E.; Maccoby, N. (1972). Das Interview: ein Werkzeug der Sozialforschung. In: R. König (Hrsg.). *Das Interview, Formen, Technik, Auswertung*. Köln: Verlag Kiepenheuer und Witsch.
- Mallinowski, B. (1986). *Ein Tagebuch im strikten Sinn des Wortes*. Frankfurt : Syndikat.
- Nardi, H. C. (2006). *Ética, trabalho e subjetividade: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Oliveira, E. de C. F. (2013). *Qualidade de vida no trabalho de pessoas com deficiência*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Pimenta, S. G. (1981). *Orientação vocacional e decisão: estudo crítico da situação no Brasil*. São Paulo: Loyola.
- Ribeiro, M. A.; Melo-Silva, L. L. (2011). *Compêndio de orientação profissional e de carreira: perspectivas históricas e enfoques teóricos clássicos e modernos*. (vol. 1). São Paulo: Vetor.
- Roe, A. (1956). *The psychology of occupations*. New York: Wiley.
- Schein, E. H. (1982). *Psicologia organizacional*. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil.
- Silva, S. (2003). A política educacional brasileira e as pessoas com deficiências. In: S. Silva; M. Vizim (Org.) *Políticas públicas: educação, tecnologias e pessoas com deficiência*. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leituras do Brasil (ALB).
- Super, D. (1953). A Theory of vocational Development. *American Psychologist*. EUA, v. 8, 1953.
- _____. (1957). *The psychology of careers: an introduction to vocational development*. N. Y.: Harper and Bros.
- _____. (1964). *La psychologie des interêts*. Paris: Presses Universitaires de France.
- _____. (1964). *Occupational psychology*. London: Tavistock.

Super, D.; Bohn, M. J. (1970). *Occupational psychology*. Belmont, California: Wadsworth.

Tupinambá, A. C. R.; Oliveira, A. B. G. de. (2006). Orientação profissional em grupo numa escola pública. *Revista da FAEEDA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 15, n. 26, p. 81-95, jul./dez.

Recebido em 01/10/2015.

Aprovado para publicação em 04/12/2015.